



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

MILAU e a MALAGUETA

POR ZÁLIA

DESENHOS DE A CASTANÉ

MILAU é uma garota levadinha da breca; nada pára com ela e fala «pelos cotovelos».

Os seus quatro anos são tão buliçosos que, dificilmente, se toma conta nêles.

E' muito simpática, porque fala com todos, e de todos os assuntos, ainda os que ela menos entende, mas em que já tem ouvido falar; mexe em tudo, e tudo gosta de provar, principalmente coisas de côres vivas.

Sua mãe repreende-a, mas a pequena não se emenda. Pausitos, papéis, caixas de fósforos velhos, trapos, etc. tudo leva á bôca.

Com os olhos muito vivos, tudo vê; por mais pequenino que seja,



tudo apanha, para meter na bôca onde encontraste isso, meu amor?

Há dias, a mãe foi encontrá-la a chorar baixinho e muito aflita, com um copo cheio de água na mão, da qual tomava um golo, bochechava e deitava fóra, para tornar a fazer o mesmo.

Tinha os olhos vermelhos e a bôca a arder. Preguntou-lhe a mãe já apoquentada: o que meteste na bôca? Responde a Milau, entre soluços: — foi «choutço», mamã!...

«Choutço?» Onde o achaste? Na rua mamã...

A mãe corre á rua, levando a filha pela mão: — Dize onde foi,

onde encontraste isso, meu amor?

— Foi isto, mamã!...

Ouviu-se, então, uma gargalhada. O chouriço não era mais do que uma malagueta que a ladina encontrara na rua, e que, fiel ao seu hábito, havia trincado. Ela lá estava, muito vermelhinha, tentadora, mas com uma grande falha, produzida pelos dentinhos da Milau.

Pois, meus meninos, foi remédio santo. A Milau já não come o que encontra no chão, porque tem medo que seja «choutço».

■ F I M ■



O
BARQUILHEIRO
E O
"Ó-GRAXA"

POR
AUGUSTO DE SANTA-RITA
DESENHOS DE A. CASTANE



O «Barquilheiro» era a alegria das crianças. Não tinha nome ou, se o tinha, era como se o não tivesse, pois todos o tratavam apenas por barquilheiro.

— «O barquilheiro, o barquilheiro!...» gritavam as crianças, mal o viam despontar, ao fundo da praia, com a caixa às costas, tão semelhante ao poste do correio.

Rodeado pelos meninos ricos que faziam girar a manivela da sorte, dava gosto vê-lo a distribuir barquilhos entre a algazarra dos pequeninos gulosos.

O «ó-graxa» era, também, um sem nome, tendo-o apenas para a pobre avózinha com quem vivia, paredes meias com a avó do barquilheiro, da mesma idade, dez anos, e de quem ele era amigo.

Ambos trabalhavam, quâsi de sol a sol, para a manutenção do próprio sustento e das pobrinhas avós já quâsi entrêvadinhas.

A maior alegria que ambos podiam experimentar consistia em chegarem a casa com as pequeninas bôlsas recheadas de moedas de cinco e dez tostões, que logo entregavam às respectivas avós, a fim de satisfazerem os compromissos diários.

*

Uma manhã, porém, a avózinha do barquilheiro, não ponde erguer-se do leito, ou, melhor, da enxérga, com uma forte pontada que mal a deixava respirar. E o pobre netinho viu-se impossibilitado de sair para a venda, embora já tivesse a caixa cheia dos

barquilhos que a avózinha, na véspera, preparava, pois por coisa alguma do mundo a deixaria sózinha, em riscos de morrer abandonada. Contudo, sem o produto da venda, como acudir às despesas do médico e da farmácia?!...

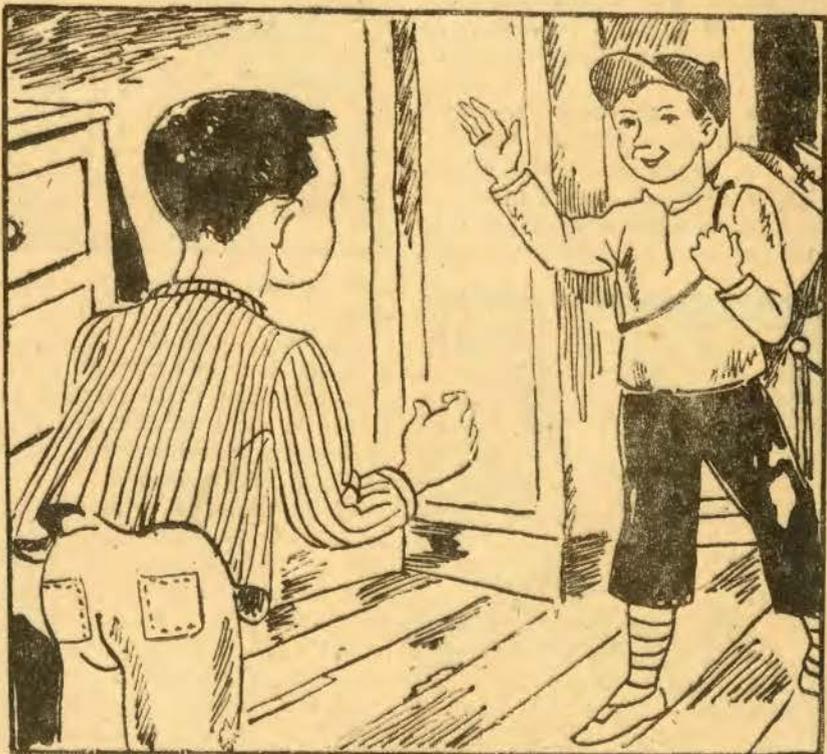
Preocupado com o estado da querida doentinha e com tão embaraçosa situação, batia, nervosamente, o pé no carcomido sobrado, quando, de chôfre, a portinha da rua se entreabriu e a figurinha airosa do «ó-graxa» surgiu, exclamando com o habitual bom humor:

— «Eh, «pá», vamos à vida; são horas!»

— «Bom fóra, se pudesse; adoeceu-me a avózinha!...» retorquiu, apreensivo, o pobre barquilheiro, enfiando as mãos nos bôlsos das calças e desabafando em confidente calão:— «E nem sei que fazer, «má-raios»! Estou quâsi à «piranga»!... O médico, a farmácia!...»

Calou-se e duas lagrimasitas rolaram pelas faces do barquilheiro.

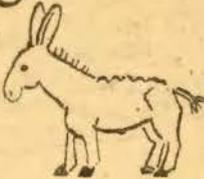
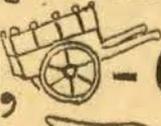
Fóra os pregões, contrastavam com o pesado silêncio que, por momentos, pairou no interior do modesto aposento, como a mais bela expressão da luta pela vida.



CONTO HIEROGLIFICO

HISTORIA DO "DOUTOR-SÁBIO"

O "Dou  -re  -L."

E  -~uma vez 1  que'tra
 balhava  zendo fre , ao
 serviço dum  iro,  "O  va
 K  dinho D  l motivo,
 vam-lhe o  "sábio", e o  AKbou
 nor convencer-se D que  -Pem ver  -o
 + e, uma alta person  + P. Porém, ao
 Vrem  -o, todos se , trocando-o.
 ha que, ao irem  -R a
 esc  -B,  -O egadinhos D compêndios
 mas sem h  rem estu , as 
 +ç,  zem a  -O ura do 
 "Doutor-Sábio."

O cãozinho LIZ e

Por AUGUSTO



semelhantes larachas que, por vezes, até comprometeram os desprevenidos transeuntes.

Outras vezes punha-se a chamar o cão, — «Lys, Lys, anda cá ó Lys!...» — fazendo-o acordar sobressaltado e voltar a cabeça, rosnando, enraivecido ao perceber que o chamamento viéra do papagaio. E eram tantas as vezes que o pobre «Lys» interrompia o seu regaiado sono, que acabou por votar ao papagaio um ódio flegado.

Certo dia, do alto do seu poleiro, o papagaio presenciara uma desordem, que terminou com gritos de «- guarda!» - gritos lancinantes, dum pobre mulher que fôra espancada por dois homens. Desde então ficara com o hábito de gritar, também, a propósito ou fóra de propósito.



DRA uma vez um cãozinho de estimação que dava pelo o nome de «Lys». Era todo branco, de pêlo felpudo e cauda encaracolada. Gostava de dormir, tranquilamente, a sua sesta, à porta da casa de entrada dos seus donos, em cujo umbral havia um papagaio verde, cinzento, amarelo e encarnado que, em seu poleiro, palavra, constantemente, repetindo tudo quanto ouvia.

Intrometia-se com toda a gente que, inadvertidamente, passava por baixo, bradando galhofeiro: — «Olé, olé!... Pchit, pchit!... O' tu, como estás tu?!...» e

Exame de



I — O pequeno Felisberto, após ser examinado, mostrando ser pouco esperto, já se vê: — foi reprovado.

II — Em casa, ao colo da Mãe, pediu-lhe que perdoasse, pois sabia as lições bem, muito embora se calasse.

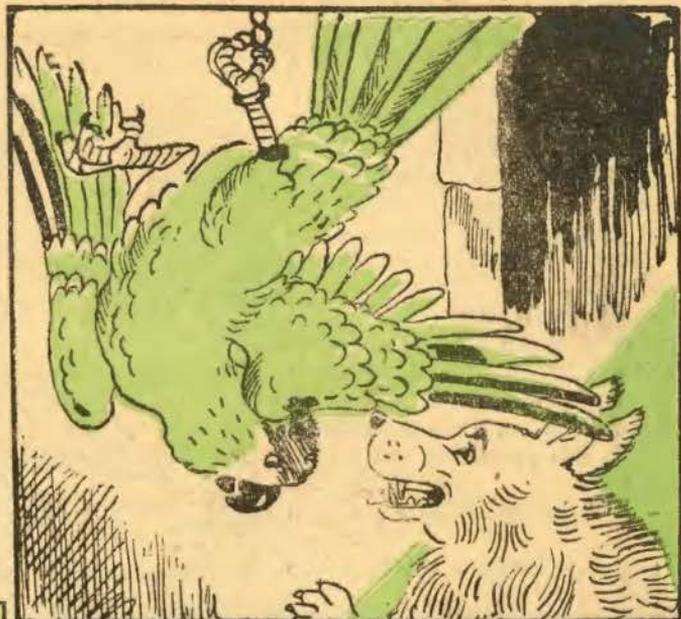
III — «Mas porque — (inquiriu a mãe) — à pergunta se sabias a

papagaio LOIRO

SANTA RITA

...to, quando em quando, inconscientemente; — «O'-da guarda, ó-da guarda!...» em tal berreiro que chegava a alarmar, por vezes, a vizinhança. Os seus donos, todavia, já de tal maneira se haviam habituado aos seus gritos que já nem sequer interrompiam as suas conversas, mostrando-se absolutamente impassíveis ante o estranho grito do papagaio.

Uma tarde, porém, casualmente, era justificada a grande aflição do pobre «Loiro», implorando socorro. Sendo chamado o cão, que dormia regaladamente a habitual soneca, este, tão extemporaneamente despertado, num acesso de fúria, arremetera contra o papagaio, ao qual, contudo, não podia chegar, por se encon-



trar a grande altura, fóra do seu alcance. O papagaio, porém, assustara-se e, desequilibrando-se, caíra da base do poleiro, ficando pendurado pela corrente, de pernas para o ar.

Mas, mesmo assim, em tão crítica e caricata posição, não deixava de palrar e gritar: — «Lys, Lys, anda cá ó Lys!... e — «O'-da guarda, ó-da guarda, ó-da guarda!...» como se tivesse a consciência do perigo que corria.

O «Lys», raivoso, aproveitou, então, a oportunidade para saltar-lhe em cima e ferrar-lhe tal dentada que o deixou depenado numa asa e na cáuda, e a escorrer sangue.

Vários transeúntes, com quem o papagaio se intro-metiera por vezes, riam, à gargalhada, ante a desforra

Geografia



respondeste, então), — mestre,

IV — «E' que pôs-se a perguntar onde é que estava o Perú, e eu, então, puz-me a pensar: — com isso que terás tu?...

V — O seu intuito seria vir cá roubá-lo talvez! Que tinha a Geografia com a pergunta que fez?!»

O BARQUILHEIRO E O «Ó-GRAXA»

(Continuação da pagina 2)

De súbito, erguendo a cabecita alourada, com altiva arrogância e num belo assômo de bondade, o pequenino «ó-graxa» dando-lhe uma palmadita nas costas, como a insuflar-lhe alento, exclamou, resolutivo:

— «Deixa o caso comigo. Irei por mim e por tí!...» e, sobraçando o caixotinho da graxa e pondo a tiracolo a lata dos barquinhos, saiu porta fóra, juntando, ao côro dos pregões, o seu pregão generoso:

— «O' barquilheiro e «ó-graxa»!...»

O' barquilheiro e «ó-graxa»!...»

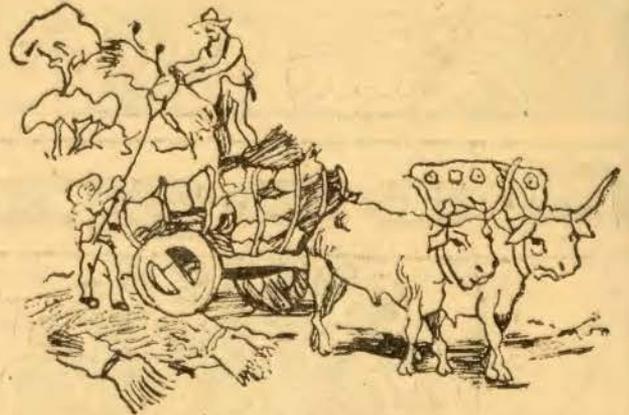


COLABORAÇÃO INFANTIL

SECÇÃO DE DESENHO



*Mariaia do Conceição Mendes
de 15 anos de idade
Lisboa*



*Maria Dolinda Correia Mendes
de 13 anos de Lisboa*

do «Lys». Os donos do palrador, habituados à sua lengalenga, claro está, não lhe acudiram.

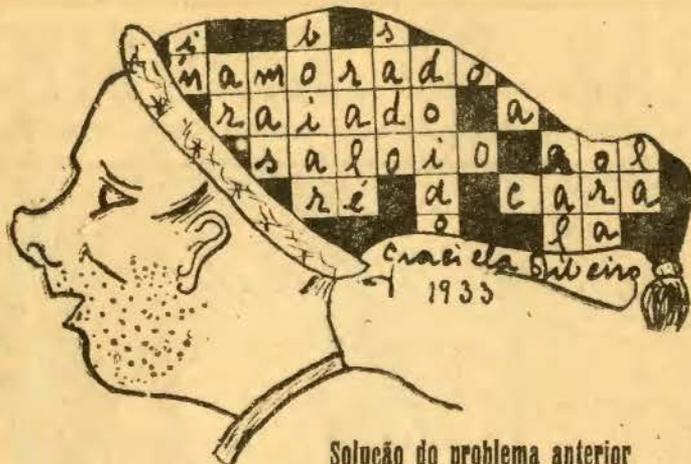
* * *

Meus meninos, a moralidade desta pequena história, ensina que não deveis intrrometer-vos com quem passa, que não deveis perturbar nunca o sono

dos que dormem a sesta, após o cumprimento das suas obrigações e, sobretudo, a não falardes impensadamente, como os papagaios, pois as palavras tem um significado próprio que é mister empregar oportunamente e saber respeitar.

Pa
la
vras

Cru
za
das



Solução do problema anterior

Qual a cousa, qual é ela?...

I

Qual a coisa, qual é ela que está na pastelaria e, sendo quadro sem tela, é Rei da sensaboria?

II

Sou planta agreste, porém, mudando a letra primeira em R, em G ou em P, sou criação bem caseira que em toda a parte se vê.

CHARADAS

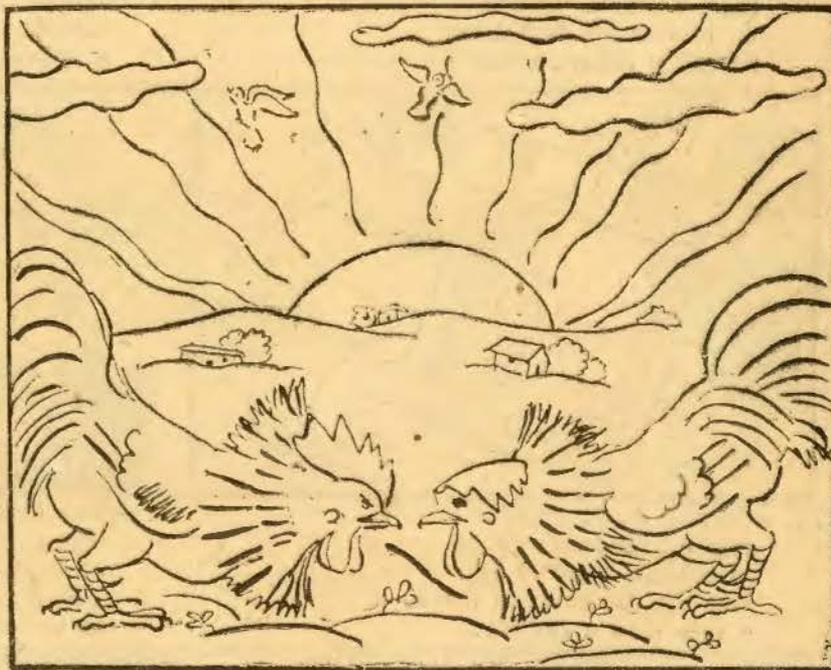
Solução do n.º 397

Leão — Café — i.

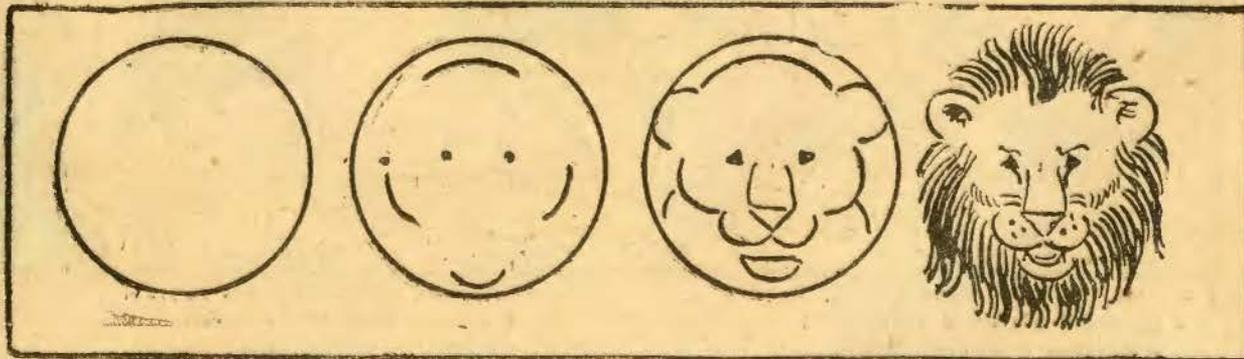
ADIVINHA Para os meninos colorirem



Onde está a domadora deste leão?



LIÇÃO DE DESENHO



Como se desenha um leão...

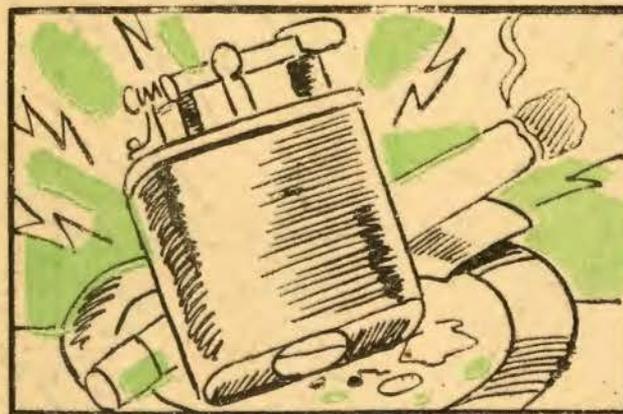
II — DIABRURAS DO CHIQUINHO



I — O endiabrado Chiquito
 tinha um péssimo costume;
 tinha o hábito maldito
 de brincar até com lume
 porque o achava bonito.



II — Embora dissesse a tia:
 — «Com o fogo ou o Amôr
 não se brinca!» — ele fazia
 ouvidos mercador
 e, assim, desobedecia.



III — Gostava de se entreter
 com o acendedor do pai,
 às ocultas, bem de ver!
 Mas um dia ouviu-se um aí
 e veio tudo a correr...



VI — Dão com ele, num berreiro,
 com o bibe em labareda,
 ao lado do jardineiro
 que regava, na alameda,
 as florinhas do canteiro.



V — Este, vendo-o nêsse estado,
 mete-lhe à cara a mangueira
 e deixa-o todo encharcado,
 livrando-o, desta maneira,
 de morrer incendiado.

VI — Chiquito, agora num pinto,
 a chorar, bem se presume,
 declara: — «Nunca mais minto,
 nem brinco mais com o lume,
 pois encharcado me sinto!»